
Boyhood*

ANA RITA TASCHETTO**

“Nos dias cotidianos
É que passam os anos”

Com essa citação Millôr Fernandes nos brinda com o que o filme *Boyhood*, a meu ver, tenta mostrar, o impacto com a passagem do tempo. Penso ser um mérito deste filme a possibilidade de nos fazer *viajar* para diferentes lugares e oferecer a oportunidade de reflexão sobre a vida.

Boyhood é um filme que surpreende de início, pela forma como foi feito. Em 2002, o Diretor e Roteirista Richard Linklater escalou um elenco, Patricia Arquette (Olivia), Ethan Hawke (Mason), incluindo um menino de seis anos - Ellar Coltrane (Mason) e sua filha Lorelei Linklater (Samantha), para rodar um filme pelos próximos doze anos. Neste período, os atores se encontraram anualmente durante uma semana a cada ano. Foram quarenta e cinco dias de filmagens no total, o que mostra com criatividade e sensibilidade a vida construindo-se e desenvolvendo-se, tornando o filme único do ponto de vista cinematográfico. Mostra-se arrojado em investir em personagens mirins, sem a certeza de que, ao longo deste tempo, continuariam interessantes para seu objetivo. Contempla a passagem do tempo e tudo o que isso implica, encontros, desencontros, conflitos, separações, transição da infância para a adolescência, parentalidade, adultos imaturos, vida corrida, ninho vazio e tantos outros pontos ricos para serem pensados e explorados.

Acredito que além da trama, este filme é uma experiência, pois desperta muitas sensações e emoções. A noção do tempo que passa e o que pode ser vivido inquieta, perturba, instiga e faz refletir sobre a vida. É uma costura de eventos cotidianos que vão testemunhando a vida passar.

Um fato curioso ocorreu com a filha do Diretor, Lorelei Linklater (Samantha), pois, ao redor do terceiro/quarto ano de filmagem, ela perdeu o interesse e pediu para sua personagem ser morta. O pai recusou-se, dizendo que era

* Trabalho apresentado no Ciranda Cultural no CEAPIA – Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência - em março de 2015.

** Professora e Supervisora do CEAPIA, Psicanalista da SPPA - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

violento demais para o que estava planejando para a trama. Pensei que poderia estar sinalizando o peso de ter a vida acompanhada dessa maneira, misturando ficção com realidade. De certa forma, ela estava fazendo o seu próprio personagem, no sentido de acompanhar em tempo real as suas mudanças da infância para a adolescência. Parece dar a conotação de uma certa invasão na vida, o que não deve ter sido tarefa fácil. “O protagonista cresce lentamente junto com seu personagem” (Richard Linklater).

A época em que foi rodado o filme também marca e acompanha a virada dos anos 2000, onde aparece a cultura, a moda, as bandas e a trilha sonora, que é linda!

Boyhood faz uma proposta clara, de poder se debruçar sobre o significado do que vivemos. Pensei: quantos filmes cabem na nossa vida em doze anos? Quantas histórias podem ser contadas neste período? Quantos tratamentos analíticos podem iniciar e seguir ou serem interrompidos por um tempo e retomados em outra fase da vida do paciente e também do terapeuta? Penso que o filme possibilita reflexões a respeito do que fazemos e da qualidade do que fazemos. Convida para refletir sobre uma busca de identidade, e esse pode ser um dos possíveis caminhos na vida, em qualquer idade. A esse respeito lembrei de Mia Couto (2009), onde conta um interessante episódio:

Era véspera de viagem para o Exterior, numa época em que não haviam facilidades, o que se podia dispor era *traveller's check* e para emitir era uma batalha muito complicada. Mia ia viajar em função de saúde e faltavam duas horas para o embarque e ele estava no balcão do banco, desesperado esperando pelos “pobres cheques”. Nesse momento, o funcionário disse algo trágico: precisava de duas assinaturas, a dele e a da sua esposa. Ela estava no trabalho e não havia tempo para entregar os papéis. A única solução chegou para Mia no auge de seu desespero: “eu tinha que mentir”. Disse ao funcionário que a esposa estava no carro e em um minuto traria os papéis assinados. Falsificou a assinatura, sob a pressão dos nervos e sem um modelo para copiar. A assinatura ficou péssima, detectável a milhas de distância, segundo ele.

Entregou-as e ficou esperando. O homem entrou numa sala, demorou um pouco e voltou com um ar grave para dizer: “desculpe, há uma assinatura que não confere”. Como já esperava por aquilo, desmoronou sob o peso da vergonha e pensou que era melhor falar a verdade: “é que, camarada, a minha esposa”. O funcionário interrompeu para dizer uma coisa espantosa: “a assinatura da sua esposa está certa, a sua assinatura é que não confere”.

Mia Couto ficou perplexo e passou os minutos seguintes ensaiando a própria assinatura sob o olhar desconfiado do funcionário. Quanto mais tentava, menos era capaz de imitar sua própria assinatura. Pensava: “vou ser preso, não por ter forjado a assinatura de uma outra pessoa, mas por forjar a minha própria e autêntica rubrica”. Sentiu essa experiência curiosa de alguém que é surpreendido em flagrante delito por ser ela própria.

Para esse autor, pessoa vem do latim *persona*, que vem de máscara e tem a ver com teatro. *Persona* era o espaço que ficava entre a máscara e o rosto, o espaço onde a voz ganhava sonoridade e eco. Na sua origem a palavra *pessoa* referia um vazio que era preenchido por um fingimento, o fingimento do ator que, tal como Mia Couto diante dos *traveller's check*, representava uma outra personagem. Ele diz: não estamos longe dessa origem, em que nos escondemos por detrás de uma máscara na encenação dessa narrativa que chamamos “a nossa vida”.

Boyhood é uma história feita de muitos pedacinhos, todo ano o elenco se reunia por uma semana para as gravações e a cada novo encontro penso que ninguém era o mesmo, pois muitas mudanças internas e externas haviam se produzido em cada um. Com os adultos as mudanças não pareciam tão evidentes, eram cortes de cabelo diferentes, estavam mais gordos ou mais magros, apareciam oscilações de humor, marcas do tempo com rugas e envelhecimento. Mas as crianças mostram com impacto a noção da passagem do tempo. Em Mason e Samantha grandes diferenças de tamanho, fase de vida, cortes e pinturas dos cabelos, fisionomia diferente que simbolizavam as inúmeras possibilidades de mudanças internas e externas. A cada cena de um novo ano de gravação, um susto no espectador, mostrando a velocidade da vida em tempo real, não era preciso envelhecer os atores para parecerem mais velhos.

O filme retrata a dificuldade com a passagem do tempo, do quanto alguns personagens permaneciam imaturos, como o pai (Mason), por exemplo. Érico Veríssimo diz: “como o tempo custa a passar quando a gente espera! Principalmente quando venta. Parece que o vento maneia o tempo”. Parece traduzir o que ocorria com este personagem, que foi mostrado no filme usando basicamente a mesma roupa e dirigindo o mesmo carro sem cinto de segurança durante os primeiros anos, como uma alusão a sua imaturidade e certa paralisação em sua vida. Só mais tarde, quando ocorre um encontro com alguém, sua nova esposa, tendo um bebê, parece sinalizar o início de um novo caminho e muda, simbolicamente, parecendo mais adulto. Com a entrada na adolescência dos filhos, aproxima-se afetivamente, principalmente de Mason, oportunizando-se uma nova chance, para ambos. Ao mesmo tempo ele admite que empurra o enfrentamento do ninho vazio e parece seguir imaturo em questões financeiras. Mas um fato importante a salientar deste personagem é que consegue demonstrar gratidão pela ex-mulher, por ter cuidado dos filhos, quando ele não tinha condições emocionais.

Penso que o tumulto, encenado em várias situações, não ocorre só na adolescência e isso fica muito claro na trama. Vamos acompanhando os personagens com seus dramas, dilemas, dores, acomodação e desacomodação, desorganização e reorganização, em todas as etapas da vida. Em vários momentos, *Boyhood* possibilita a identificação com a criança que fomos, com as transformações que passamos, com a turbulência da adolescência e com as infinitas possibilidades de caminhos que se abrem na vida. “O que nos faz

pessoas é o modo como pensamos, como sonhamos, como somos outros, da possibilidade de sermos únicos e irrepetíveis, da habilidade de sermos felizes” (Couto, 2009).

Mas um personagem que fez um “certo barulho” em mim e gostaria de refletir, foi o da mãe (Patrícia Arquette). Fez-me pensar na sua vida, no seu jeito de sempre querer o melhor, da sua imaturidade perante os dilemas da vida, de ir em busca de mudanças e da incapacidade, em muitos momentos, de se conectar com o que estava acontecendo com os filhos, preocupada com o futuro, esquecendo de viver o presente de forma mais afetiva e efetiva. O quanto a queima de etapas do desenvolvimento oferece obstáculos e também dificulta assumir papéis mais definidos, pois foi uma mãe adolescente. O que fica evidente em trechos de alguns diálogos: “isto é a realidade, sou mãe... Fui filha de alguém e depois uma maldita mãe, adoraria ter tempo pra mim... tenho que ter responsabilidade” Por outro lado cria os filhos sozinha, estuda, trabalha e aparece sempre fazendo contas, com muitos papéis, parecendo sempre imersa em dívidas, financeiras e emocionais. Ao longo da história, vai amadurecendo, repensando escolhas equivocadas, com coragem de romper um relacionamento doentio com um marido alcoolista que maltrata ela e os filhos e enfrenta novamente uma mudança, uma nova casa, uma nova escola para os filhos e um novo trabalho.

A adolescência dos filhos também permite uma nova configuração e aproximação com a mãe. Em uma cena, Mason vai encontrar a mãe e assiste a sua aula de psicologia falando sobre a teoria do apego de Bowlby, onde diz: “a sobrevivência humana depende de nos apaixonarmos, o bebê pela mãe e a mãe pelo bebê... se isso não acontecer, estamos praticamente perdidos”. Talvez, de alguma forma, conseguiu passar sua paixão pelos filhos, sendo uma mãe continente com os seus bebês. O filme também oferece uma possibilidade de esperança, onde algumas questões, ao longo da vida, podem ser reparadas.

Falando em vínculo, difícil não mencionar a avó (Libby Villari) e seu papel pontual, pois aparece em apenas algumas cenas, mas é um personagem de grande importância. É para perto dela que Olivia vai com os filhos, quando muda de cidade e perto dela encontra uma casa e retoma forças para recomeçar a vida com os filhos. A casa da avó é um lugar estável, onde os netos podem recorrer sempre que precisam, pois ela abre portas e oferece abrigo e continência. Lydia Flem falando de relações entre avós e netos, refere que é uma preciosa possibilidade de um resgate afetivo na outra geração e falando sobre a cumplicidade que existe entre as crianças e suas avós, diz: “minha avó me ofereceu, em sua idade madura, a ternura que em sua juventude não pôde brindar à sua filha. Era para mim uma avó encantadora, que me consentia” (Flem, 2005).

O livro *Vaciando la casa de mis padres* (Flem, 2005) conta sobre a difícil tarefa de desmanchar, esvaziar a casa dos pais quando estes morrem e faz um recorrido tocante da difícil, importante e inevitável tarefa na nossa vida. Vou

me apropriar de alguns trechos, pois penso que servem também para pensar no oposto, onde fica o vazio na casa dos pais quando os filhos saem e a tarefa dolorosa de encontrar significados, que, emocionalmente, é limpar e organizar armários internos para enfrentar a vida. Mesmo quando é uma situação de morte, Flem enfatiza que é um processo para enfrentar a vida, por permitir que as pessoas entrem em contato com seus próprios medos.

No filme, com a saída dos filhos para a Universidade e a mudança para um apartamento menor, Olivia reúne Mason e Samantha em um restaurante e, incentivando os filhos a seguirem seus caminhos, diz: “precisamos estabelecer quatro regras: 1. o que querem conservar da infância levem com vocês; 2. o que vai ser jogado fora; 3. o que vai ser doado; 4. o que querem vender na garagem semana que vem e o que sobrar, doaremos.

Nesse momento, Mason pergunta: o teu apartamento não tem um depósito ou um sótão ou algo assim? E ela responde: “não, não vamos levar porcaria para o apartamento da mamãe... já cumpri minha parte, estou expulsando vocês amavelmente do ninho, já são adultos e tem que assumir responsabilidades”. Vale lembrar sobre os objetos como testemunhos da infância e da história. Para dar os objetos sem pena ou culpa, é importante pensar que eles podem ser usados e possam envelhecer rodeados de atenção. “As coisas não são muito diferentes das pessoas ou dos animais. Os objetos tem alma, e parece haver uma responsabilidade de protegê-los, de evitar que tenham um destino triste” (Flem, 2005, p. 75). Faz pensar sobre a diferença entre expulsar em oposição à possibilidade de poder elaborar.

Ao perguntar para a mãe se não tinha um “sótão”, penso que Mason pergunta se existe um lugar na mente dela para guardar as memórias, as recordações, os afetos, pois como diz Flem “separar-se das próprias recordações não é tirar, é amputar. O desprendimento raras vezes é instantâneo. Requer uma larga transformação interior, um trabalho de paciência, um cenário de teste renovado constantemente. Os objetos também ficam órfãos. Fazem falta a eles pais de adoção, novos amigos, novos proprietários exclusivos e apaixonados que cuidem bem deles” (Flem, 2005). Penso que fala de espaços continentais também simbólicos.

Ao mesmo tempo em que Olivia tenta ser objetiva, aparece a ambivalência com o crescimento e separação dos filhos e o sentimento de ninho vazio, quando Mason está retirando as últimas caixas do apartamento para ir embora para a Universidade. Ela cai em um choro e desabafa: “este é o pior dia da minha vida, sabia que ia chegar, mas não sabia que tu ias estar tão contente de ir embora”. Faz uma retrospectiva rápida e objetiva de tudo que aconteceu na vida dela até aquele momento e lamenta: o que vem depois, o meu maldito funeral? Mason olha atônito e diz: “tu não estás pulando uns quarenta anos?” ... Olivia diz: ‘passei metade da minha vida comprando essas porcarias e agora tentando me desfazer delas’. Como se a vida tivesse sido apenas juntar e desfazer-se, sem pensar e, neste momento, não tem outra saída, precisa se haver com todas essas “contas internas”.

Fiquei me questionando, a que morte ela se referia? Acredito que são momentos dramáticos que sacodem as certezas e aparece a dolorosa e importante tarefa de lidar com as demandas, enfrentar, reformular e tomar as rédeas da própria vida. Do quanto podem ser positivas essas desacomodações e grandes oportunidades para refletir: quem eu sou, o que eu quero?

Penso que o vazio é um lugar importante, que oferece a oportunidade de ampliar a capacidade de pensar e buscar novos significados, pois quando estamos absorvidos na rotina diária da vida, ocupados com inúmeras atividades, muitas vezes, esquecemos que somos responsáveis por tecer esse tempo que passa. Na pressa de termos futuro, atiramos fora os degraus do caminho percorrido (Couto, 2011). Ethan Hawke (2014) diz: “com o passar do tempo à vida é linda e interessante e não precisamos fabricar tantas coisas falsas”.

Entrar em contato com o livro de Lydia Flem, também, me levou a pensar na retomada desse vazio no filme, imaginando a continuação dessa história. Olivia tendo que se deparar com outras dores ao ter que esvaziar a casa de sua mãe ou avançando um pouco mais no tempo, Mason e Samantha tendo que se deparar com o vazio em relação ao esvaziamento da casa de Olivia. Esvaziar é também fazer o vazio em si mesmo, desvelar-se, para acompanhar o tempo, aceitar e enfrentar as experiências e aprender a viver melhor.

Como uma oportunidade de refletir sobre a própria trajetória e reavaliar os caminhos da vida, outro ponto que destaco no filme é o papel da fotografia, como um significado do olhar sensível de Mason. A validação do seu talento vem de um encontro com um professor atento que valoriza a qualidade e o potencial de Mason, dizendo que ele olha as coisas de uma maneira realmente única. Um olhar que também faz o aluno refletir: o que tu queres ser? O que queres fazer? Incentiva-o a estudar e lutar pelo seu sonho abrindo um caminho para Mason encontrar e se apropriar de um outro jeito criativo e sensível de olhar o mundo. O fotógrafo Sebastião Salgado (2014) diz: um fotógrafo é, literalmente, alguém que desenha com luz, que escreve e reescreve o mundo com luzes e sombras. Se colocarmos muitos fotógrafos no mesmo lugar, todos farão fotos muito diferentes, pois cada um desenvolve sua forma de ver de acordo com sua história.

Em vários pontos no filme é possível fazer um paralelo com o encontro analítico, pois em um *setting* capaz de acolher a dor da alma, ajudamos o paciente a escrever seus próprios poemas e narrativas, para transformar a dor em palavras e sentido, dando um significado para as vivências emocionais que impactam a mente. A riqueza do nosso trabalho, como terapeutas, é ajudar o paciente a escrever sua própria narrativa com respeito a sua realidade psíquica e externa. Não é possível prever o que vai ser construído por uma dupla que é única e essa experiência partilhada é transformadora e enriquecedora para ambos.

Acredito que a passagem do tempo é uma das mais preciosas aquisições de um processo analítico. Quinodoz (2011) diz: quando uma pessoa rejeita uma

porção de sua vida, fica privada de uma parte de si e, ao recuperá-la, os aspectos integrados a enriquecem e, em certo sentido, a rejuvenescem. Então, nessa perspectiva, envelhecer é se desenvolver.

A capacidade de integrar as lembranças está relacionada com a capacidade de aprender com as experiências passadas. Duas pessoas diferentes podem dizer, ao falarem de seu passado: “agora virei a página”, mas para uma delas isso quer dizer: “arranquei a página, joguei-a no lixo, não falemos mais disso”, enquanto para outra isso pode significar: “Eu virei a página, sim, mas depois de tê-la lido”, o que pressupõe que o que acabou de ler influenciará sua leitura das páginas seguintes, mas também a leitura das páginas seguintes mudará sua compreensão das primeiras páginas do livro. Cada linha do livro conta e mesmo a última ainda irá modificar o sentido do conjunto. (Quinodoz, 2011).

O carro é um elemento instigante que faz parte de todo o filme, sinalizando a importância do caminho, onde fazemos pequenas paradas, conhecemos novos personagens e situações, nos encantamos e nos desiludimos do quanto somos levados e do quanto assumimos a direção e temos a oportunidade de seguir em frente modificados. No final do filme *Boyhood*, Mason entra em seu carro *Toyota*, que retratando a passagem do tempo e as perdas da vida, agora tem só duas letras YO, uma forma estética de mostrar que daqui para frente é tudo com ele, seguindo em uma ampla estrada acompanhado com a linda música *Deixe-me ir*. O carro vai envelhecendo e, ao mesmo tempo, levando Mason mais longe para descobrir e desbravar novos caminhos. Winnicott (1983) diz que a capacidade para estar só é um dos sinais mais importantes do amadurecimento do desenvolvimento emocional. Para tal, depende da existência de um objeto bom na realidade psíquica do indivíduo.

Penso que *Boyhood* fala com emoção do tempo e da importância do que se pode construir em cada encontro, pois este é, a meu ver, o grande aprendizado da vida. “Quando ela pode ser vivida intensamente, pensada e significada, pode então ser modificada, ampliada e enriquecida no contato com o outro. Portanto, o amadurecimento se faz no caminho, na estrada que se trilha, desde o nascimento, na transmissão de gerações, na possibilidade de romper ciclos e na liberdade para tecer um tecido de representações e construir sua própria história (Taschetto, 2014, p. 83). Ao pensar e elaborar as emoções desta caminhada, acompanhar o tempo, aceitar as experiências, viver melhor e poder aprender a riqueza da passagem do tempo (Quinodoz, 2011).

Mia Couto (2009) diz que “o *homo sapiens* sobreviveu porque nunca parou de viajar. Dispersou-se pelo planeta, inscreveu a sua pegada depois do último horizonte. Mesmo quando ficava, ele estava partindo para lugares que descobria dentro de si mesmo”. (pág. 73).

Nesse momento, pensando na vida dando seu testemunho e esculpindo o tempo, recordo as bonecas Russas, as Matrioscas, fazendo um paralelo com o filme, pois agora, no Mason de dezoito anos, estão todos os outros personagens dele mesmo.

“A verdade é que nós somos sempre não uma, mas várias pessoas e deveria ser norma que a nossa assinatura acabasse sempre por não conferir. Todos nós convivemos com diversos eus, diversas pessoas reclamando a nossa identidade. O segredo é permitir que as escolhas que a vida nos impõe não nos obriguem a matar nossa diversidade interior”. (Couto, 2009, pg 80).

Encerro com o poema *Há um tempo* (atribuído a Fernando Teixeira de Andrade).

*Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas
Que já tem a forma do nosso corpo
E esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares
É o tempo da travessia
E se não ousarmos fazê-la
Teremos ficado... para sempre
À margem de nós mesmos*

Referências

- Andrade, F. T. (2008). Retirado em agosto de 2015. Pensador.uol.com.br>autores>Fernandot
eixiradeandrade
- Couto, M. (2009). *E se Obama fosse Africano*. Lisboa: Editorial Caminho SA.
- Flem, L. (2005). *Vaciando la casa de mis padres*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Quinodoz, D. (2011). Envelhecer, uma viagem para a descoberta de si mesmo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45 (3), 97-108.
- Salgado, S. *O Sal da Terra*. (2014). Trailer do filme. Retirado em agosto de 2015. <https://youtube.com/watch?v=i1U2ArXSuc>.
- Taschetto, A. R. (2014). Tecendo o Tempo. Reflexões sobre as ideias de Danielle Quinodoz a partir de uma história infantil. *Publicação CEAPIA: Revista de Psicoterapia da Infância e Adolescência*, 23, 81-89.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.